



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**  
**CAMPUS ARAPIRACA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO – PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

**MARIA CRISTINA LIMA DA SILVA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:**  
**UMA FERRAMENTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO NO 1º ANO**  
**DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**ARAPIRACA/AL**  
**2015**

**MARIA CRISTINA LIMA DA SILVA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:  
UMA FERRAMENTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO NO 1º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo apresentado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e letramento.

Orientador: Profº David Lopes da Silva

**ARAPIRACA/AL  
2015**

**Maria Cristina Lima da Silva**

**A contação de histórias: uma ferramenta para alfabetizar letrando no primeiro ano do Ensino  
Fundamenta**

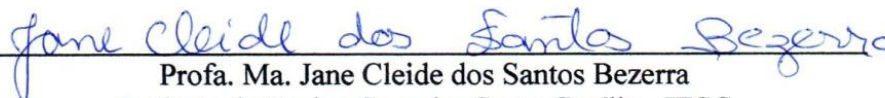
Artigo referente ao trabalho de conclusão  
do curso de Especialização em  
Alfabetização e Letramento da  
Universidade Federal de Alagoas – UFAL,  
Campus de Arapiraca.

Data da aprovação: 29/ 08/ 2015.



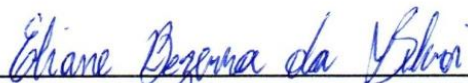
---

Prof. Dr. David Lopes da Silva  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Campus Arapiraca  
Orientador



---

Profa. Ma. Jane Cleide dos Santos Bezerra  
Instituto de Ensino Superior Santa Cecília - IESC  
Arapiraca  
Examinadora



---

Profa. Ma. Eliane Bezerra da Silva  
Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL  
Campus Arapiraca  
Examinadora

## **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA FERRAMENTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria Cristina Lima da Silva<sup>1</sup>

Professor Orientador: David Lopes da Silva

**RESUMO:** Este artigo tem como tema “A contação de histórias: uma ferramenta para alfabetizar letrando, no 1º ano do ensino fundamental”, abordando a importância da contação de histórias na formação do leitor, bem como sua contribuição para que o professor alfabetize letrando. Desse modo, o presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, que favorece a reflexão, a análise e integração acerca das teorias levantadas. O cunho da pesquisa é bibliográfico. O questionamento que motivou a escolha desse tema foi o fato de os alunos não vivenciarem uma rotina de ouvir histórias, bem como o fato da contação de história contribuir significativamente para o desenvolvimento da criança, principalmente no início de sua alfabetização. Pretendemos por meio desse artigo, apresentar conceitos sobre alfabetização e letramento, sobre a importância da contação de histórias, bem como apresentar uma proposta para que o professor tenha embasamento ao incentivar o gosto pela leitura a partir da contação de histórias, possibilitando assim mudanças na sala de aula do 1º ano do ensino fundamental e início da alfabetização.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Alfabetização e letramento. Formação do leitor.

### **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho será, essencialmente, refletir sobre a contribuição da contação de histórias no processo de alfabetização e letramento para os alunos do 1º ano do ensino fundamental.

A escolha do 1º ano se deu pelo fato das crianças terem saído da educação infantil, onde há uma maior utilização de histórias, para o ensino fundamental, início da Alfabetização e onde muitas vezes o professor não se utiliza tanto dessa ferramenta. No dizer de Kleiman (2004), "Ensinar a ler, é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela previr o conteúdo, maior será sua compreensão".

---

<sup>1</sup> Atualmente é aluna no curso de especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade federal de Alagoas - UFAL. Possui graduação em Pedagogia no Instituto de Ensino Superior Santa Cecília - IESC e atua como professora de educação Infantil na rede privada de ensino e contadora de histórias na secretaria Municipal de educação.

É através do domínio da língua que o indivíduo tem a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, expressa, defende pontos de vista e produz conhecimento. No entanto, a escola tem ensinado a ler, mas não tem ensinado a gostar de ler. É necessário que a leitura seja gratificante, que o leitor descubra que a leitura responde a um desejo interior, mas para isso faz-se necessário um olhar especial à prática da mesma. Para Goulart (2000, p.158),

A apropriação da linguagem escrita, na perspectiva das práticas sociais letradas, vem sendo estudada como uma aprendizagem conceitual de grande complexidade. O trabalho pedagógico realizado nas classes de alfabetização, em geral, não se tem mostrado suficiente para formar leitores e escritores proficientes. As crianças aprendem a decodificar letras em sons, no caso da leitura, e a codificar sons em letras no caso da escrita, sem no entanto produzir sentido nessas atividades. Assim, não conseguem dar conta da leitura e da produção de textos socialmente legitimados.

A leitura na escola tem sido um objeto de ensino e para que possa continuar objeto de aprendizagem deve fazer sentido para o aluno. Percebemos, então que a leitura é a atividade de maior importância para os alunos promovida pela escola e dessa forma podemos afirmar que se o aluno for um bom leitor, a escola cumpriu sua tarefa.

Ouvir histórias é muito importante na formação da criança e o propósito maior deste trabalho é mostrar à comunidade acadêmica que ler e contar histórias são formas de desenvolver o gosto pela leitura. Quando a criança não lê é necessário que alguém lhe conte histórias e os livros devem fazer parte das brincadeiras, estimulando o gosto literário da criança.

Desde muito cedo, as crianças gostam de ouvir histórias e o professor deve utilizar a contação de histórias como forma de atrair, seduzir a criança para o mundo da leitura e dessa forma alcançar muitos de seus objetivos no processo de alfabetização. Faz-se necessário que o professor alfabetizador reconheça a importância dos recursos lúdicos da contação de modo a promover a alfabetização e o letramento. O reconto das histórias, por parte das crianças, deve ser considerado como desenvolvimento da linguagem oral.

Para desvelar de que forma a contação de histórias contribui para esse processo nos alunos, será realizada uma pesquisa bibliográfica, bem como apresentaremos uma proposta para que o professor tenha um embasamento para alfabetizar letrando, a partir da contação de histórias.

## 1. A FORMAÇÃO DO LEITOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Pode-se afirmar que, uma das maiores invenções de todos os tempos, é a linguagem escrita, a qual se constitui em um instrumento inexorável ao avanço da humanidade. Sua importância é tamanha que a torna ferramenta de poder, tendo em vista que aqueles que detêm o domínio do conhecimento se sobrepõem aos que não o possuem. Esse domínio de conhecimento é adquirido pela escrita e pela leitura. A melhor maneira de integração do indivíduo na sociedade é a cultura e a leitura é a ferramenta para o acesso ao conhecimento.

Normalmente, a palavra leitura está associada a um texto. Lê-se um livro, um jornal, uma carta, uma bula de remédio e de fato, em todas essas acepções tem o sentido de ler textos. No entanto, a palavra leitura quer dizer “maneira de compreender, de interpretar, um texto, uma mensagem, um acontecimento”. A esse respeito veja o que diz Martins,

A escrita é apenas um - provavelmente o mais perfeito e o menos obscuro - entre inúmeros outros sistemas de linguagem visual: A essa mesma categoria pertencem os desenhos, a mímica, os códigos de sinais marinhos e terrestres luminosos ou não, os gestos, em particular a linguagem dos surdos-mudos etc.(1996, p.33).

Considerando essa observação, percebemos que a leitura é vista como a compreensão de fatos e não apenas de palavras. Quebra-se, então, o paradigma de que a leitura está unicamente vinculada à educação formal, ou ainda às práticas escolares, as quais estão ligadas aos processos de alfabetização- ler e escrever. A esse respeito, Leffa e Lopes (1994, p. 01) recordam que,

A definição de leitura como decodificação restringe seu conceito a uma simples transposição do código oral para o código escrito. A aprendizagem da leitura encerra-se com a alfabetização; uma vez que o sujeito, partindo do código escrito da língua, for capaz de chegar ao sistema fonológico, venceu uma etapa essencial e única que o torna capaz de ir adiante e chegar ao significado, percorrendo aí um caminho que não pertence mais ao caminho da leitura. O que distingue, portanto, o sujeito letrado do analfabeto é a capacidade do primeiro em transformar o código escrito em código oral. Feito essa decodificação, os dois percorrem o mesmo caminho.

De certo modo, não podemos dissociar a leitura da escrita, pois ambas possuem uma relação intrínseca. Nesse contexto é possível visualizar a ligação entre aquele que realiza o ato de ler e o objeto a ser lido. Assim, podemos dizer que ler é manter uma interação entre o leitor

e o texto. É necessário considerar a importância do profissional docente para uma efetiva aprendizagem, tendo em vista que ele será o mediador da leitura. Assim, o professor do ensino fundamental deve ser responsável por: ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras; aproximar o leitor dos textos; possibilitar produções orais, escritos e em outras linguagens; ensinar a estudar, bem como outras.

Outra forma de leitura que perpassa a ideia de que lemos apenas palavras é a chamada 'leitura de mundo' através da qual os indivíduos lêem um dado objeto sob diferentes olhares. Sobre esse assunto, Leffa (op.cit) diz, "pode-se ler tristeza nos olhos de alguém, a sorte na mão de uma pessoa ou o passado de um povo nas ruínas de uma cidade. Não se lê apenas a palavra escrita, mas o próprio mundo que nos cerca."

O conhecimento de mundo diz respeito à familiaridade que o leitor possui como assunto tratado nos textos. Assim, mesmo antes de começar a ler o indivíduo já integra informações sobre o mesmo. Vejamos o que diz abaixo,

Numa leitura de mundo, o objeto para o qual se olha funciona como um espelho. Se o objeto for ,por exemplo, uma casa vai oferecer tantas leituras quantos forem as posições de cada um dos observadores em relação a casa. O arquiteto fará, uma leitura sociológica, o ladrão uma leitura estratégica e, assim por diante (LEFFA,1996,p.11).

No processo de formação do leitor, faz-se necessário averiguar, portanto, definições acerca do que vem a ser alfabetização e letramento. Ainda examinaremos a importância de se fazer a alfabetização ao mesmo tempo em que ocorre o letramento, pois segundo Soares (2005, p. 47) "o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado". O conhecimento acerca desses conceitos são de fundamental importância para o professor alfabetizador a fim de que ele tenha condição para fazer uma relação entre os fundamentos teóricos e a sua prática.

Para definirmos o que vem a ser a alfabetização é importante esclarecer que muitos confundem leitura com alfabetização, ou seja, o problema está no conteúdo dessa aprendizagem: a língua escrita. Para Barbosa,

O processo de alfabetização é considerado o período da instrumentalização, período em que se deve buscar evidenciar o princípio fundamental que rege o sistema alfabético. Após o domínio da técnica o indivíduo aplica esse saber teórico sobre a língua escrita na prática da leitura (1999, p. 16).

É importante salientar que, há uma concepção errônea em relação a definição de alfabetização, no tocante ao confundir esse processo com o domínio dos procedimentos de leitura e escrita, tendo em vista que o domínio da leitura e da escrita pressupõe o aumento do domínio da linguagem oral, da capacidade de manipular e refletir intencionalmente sobre a linguagem. Observemos, então a definição dada por Garton e Pratt (1991):

[...] o domínio da linguagem falada e da leitura e da escrita [...]. Uma pessoa alfabetizada tem a capacidade de falar, ler e escrever com outra pessoa e a consecução da alfabetização implicar aprender a falar, ler e escrever de forma competente. (p. 19).

Para que tal afirmação se concretize, faz-se necessário a presença de um meio social e de um adulto que faça a mediação, ajudando a criança num processo de aprendizagem, seja de tipo formal, na escola ou de tipo informal, no caso, na família. Desse modo, escola e família devem expor, diariamente, a criança à leitura de histórias em voz alta, feita pelo professor ou em família, seguida de uma reprodução oral por parte da criança (pseudoleitura), para que se chegue no texto escrito. A esse respeito, Solé (1998) diz que:

A participação em atividades conjuntas com os pais e na escola infantil - ler histórias, presenciar a elaboração de uma lista de compras, levar um bilhete da escola para casa, ver a professora lendo histórias, anotando...- proporciona a construção de conhecimento. (p. 57)

Portanto, a alfabetização constrói-se através de atividades de uso, contextualizadas e significativas da linguagem oral e escrita.

Levando em consideração que, fora da escola nem sempre a criança está imersa a um cenário propício ao uso da leitura e da escrita, faz-se necessário, que a escola organize um ambiente alfabetizador. No entanto, devemos atentar que, organizar esse espaço alfabetizador não quer dizer apenas se prender a materiais expostos (livros, revistas, jornais, cartazes), mas também, ao aspecto linguístico, no qual se discute, questiona, reflete e assim desencadeamos o acesso ao mundo letrado.

Com relação ao que foi mencionado acima, percebemos que a alfabetização parece estar mais ligada ao processo de escolarização, pois embora a criança possa entrar, primeiramente, em contato com a linguagem através de sua família, é na escola que se consoma a alfabetização.

Podemos dizer ainda, que o termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica.



Segundo Soares (2005, p. 24), "O domínio dessa tecnologia envolve o conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita". Em se tratando dos conhecimentos e procedimentos, falamos a respeito da relação existente entre o escrito e aquilo que representa. Já em relação as capacidades motoras e cognitivas, falamos das habilidades de ler e escrever seguindo a direção correta da escrita na página e ainda da habilidade para usar lápis, caneta e borracha, por exemplo.

Tendo em vista que, a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita, iremos entender e definir o termo letramento e atentar para os pontos em que os termos se distinguem e se assemelham, ou ainda se completam. O termo surgiu na década de 1980 e é uma tradução da palavra inglesa literacy, que significa "estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita" (Soares, 1996: 2). Podemos dizer ainda, que enquanto a alfabetização se preocupa com a aquisição da escrita de um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento se preocupa com os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

Ressaltamos que, o conceito de letramento surgiu de uma ampliação progressiva do próprio conceito de alfabetização, em razão das necessidades sociais e políticas da época, tendo em vista que não é mais considerado alfabetizado aquele que apenas domina as capacidades básicas de leitura e de escrita, mas aquele que sabe usar a linguagem escrita para exercer práticas sociais. Desse modo, Soares (2005, p. 50) conceitua letramento como sendo "o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidas no uso da língua em práticas sociais e necessárias para uma participação ativa e competente na cultura escrita".

Faz-se necessário atentarmos para o fato de haver pessoas alfabetizadas e não letradas, assim como há analfabetos com um certo nível de letramento. Vejamos a seguinte citação:

Uma criança pode ainda não ser alfabetizada, mas ser letrada: uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouvi histórias lidas por adultos, que vê adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e de escrita: toma o livro e finge que está lendo (e aqui de novo é interessante observar que, quando finge ler, usa as convenções e estrutura linguísticas próprias da narrativa escrita), toma papel e lápis e "escreve" uma carta, uma história. ainda não aprendeu a ler e escrever, mas é, de certa forma, letrada, tem já um certo nível de letramento (SOARES, 2005, p. 47).

Portanto, uma criança que vive em contextos de letramento tem mais facilidade de compreensão do mundo e entendimento. A esse respeito Freire (1989) diz: "o domínio sobre os signos linguísticos escrito, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que precede", que aqui chamamos de letramento.

Desse modo, o letramento abrange, tanto a aquisição das técnicas da alfabetização, quanto aspectos do hábito da utilização da leitura e da escrita. E por isso, faz-se necessário promover a conciliação entre essas duas dimensões da língua escrita, integrando alfabetização e letramento, sem contudo, perder as especificidades de cada um desses processos. A respeito da complementaridade e o equilíbrio entre ambos e ao mesmo tempo sobre o valor da distinção terminológica, Soares defende:

Porque alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo em que também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (2003, p. 90).

Assim, entendemos a necessidade de termos professores alfabetizadores que compreendam bem os dois processos, alfabetização e letramento, e que encontrem o melhor método para alfabetizar ao mesmo tempo em que promova o letramento. Pensando nessa proposição, o presente artigo tem o intuito de apresentar uma proposta para que o professor possa refletir sobre o uso de recursos lúdicos, nesses processos a partir da contação de histórias em suas aulas.

## **2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO LÚDICO PARA ALFABETIZAR LETRANDO**

A arte de contar histórias trata-se de uma tradição muito antiga, a qual surgiu anos antes de Cristo, e é mantida por vários povos por reportar às origens da sociedade humana, como sendo uma das primeiras manifestações culturais.

Desde os tempos mais antigos, as sociedades humanas já contavam histórias como um modo de guardar o passado na memória e dessa forma, através das narrativas orais, tradições, valores e a identidade dos povos foram preservados mesmo não existindo

a escrita. Assim, o conhecimento era passado de uma geração para outra. A esse respeito Paiva (2009) diz,

Como as crianças já crescem ouvindo histórias, sua transmissão se faz de uma geração para outra naturalmente, carregando valores, crenças, costumes, comportamentos, sonhos e tudo mais. É claro que quem conta um conto sempre aumenta um ponto. Isso significa que tal transmissão nem sempre é repetição. Ela trás em seu bojo recriações voluntárias e involuntárias, que faz de cada versão uma história de certo modo outra. É assim que as histórias tradicionais podem integrar-se a novos e diferentes espaços sociais e simbólicos (p. 25).

Percebemos que a contação de histórias é uma arte tão antiga que se confunde com a história da própria cultura humana e é nesse sentido que Gotlib (2000) fala que "enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam". A partir dessa proposição dizemos que contar histórias é representar a literatura oral que antecede a escrita.

Com o passar do tempo a arte de contar histórias foi perdendo seu espaço e só séculos depois volta a ressurgir. De acordo com MATOS (2005) houve na contemporaneidade uma volta surpreendente dos contadores de histórias. Foi em torno dos anos de 1970 que vários países foram surpreendidos pelo fenômeno urbano em uma sociedade altamente tecnológica: a volta dos contadores de histórias. Já no Brasil, MATOS (op. cit.), aborda que por volta dos anos de 1990 em Belo Horizonte, um local de grande importância para o reaparecimento dos contadores de história foi através da formação de grupos ou até mesmo isolados que se apresentaram na Biblioteca Pública Infantil e Juvenil, onde ficaram conhecidos pela comunidade e também onde obtiveram sucesso em suas apresentações em diversos locais pela cidade.

As histórias são nada mais, nada menos, que narrativas baseadas no imaginário de uma dada cultura. E é, essa sociedade quem produz, de acordo com seus mitos, as fábulas, os contos e as lendas. Essas narrativas são apresentadas às crianças pelos adultos e dessa forma, surge a oportunidade de conhecimentos de tais mitos, tão importantes para sua identidade social e cultural.

Mediante o corre-corre da vida, as famílias não têm tido tempo para contar histórias aos seus filhos, se esquecendo que a partir das histórias a criança cria o seu próprio inventário moral e até mesmo, resolvem situações que as angustiam. De acordo com Sandroni e Machado (1991),

[...] é na infância que se transformam as atitudes. Ouvindo histórias, as crianças se identificam com este ou aquele personagem, numa situação semelhante a alguma já vivida. E isso pode ajudá-la a resolver seus problemas. Neste momento, os livros fazem parte de um mundo especial, onde a fantasia se apresenta de maneiras diversas por meio de palavras e desenhos (p.11).

Desde muito cedo, as crianças gostam de ouvir histórias e cada história contada é sempre uma nova experiência para elas. É importante permitir que as crianças demonstrem suas histórias preferidas e voltar a ler aqueles livros outrora lidos, pois tempos depois aquela mesma história fará mais sentido para ela.

Para Coelho (1991), em se tratando de educação infantil, as histórias devem apresentar enredo simples, atraente, contendo situações que se aproxime do cotidiano das crianças, da vivência afetiva e doméstica, do meio social, de brinquedos e animais que as rodeiam, e recheadas de ritmo e repetição.

O contador de histórias resgata a tradição oral e ao mesmo tempo estimula a imaginação do ouvinte. Assim, contar histórias se trata de uma mensagem auditiva e não visual. Faz-se necessário captar o ritmo e a cadência dos contos, fazer as pausas no momento certo, criar um clima de envolvimento e de encanto, e, acima de tudo, usar todas as possibilidades da voz – sussurrar, imitar os ruídos, as vozes dos animais, as inflexões que indicam suspense e clímax.

Podemos dizer que a transmissão oral, de um determinado texto escrito, deve dá primazia ao ritmo sobre o sentido e à ação sobre a representação. A autoridade da voz e a importância do efeito vocal (do jogral, contador, leitor) sobre o ouvinte. A partir dessa transmissão oral, o contador de história dará vida ao texto e assim provocará, no ouvinte, uma melhor compreensão do mesmo. Vejamos a seguinte proposição:

Ler uma história com o objetivo de contá-la é um exercício de costurar sonhos, de misturar emoções, é uma brincadeira de dar significado às palavras, um quebra-cabeça de desvendar nas ilustrações aquilo que as palavras não conseguiram traduzir, e mais ainda, transformar em gestos e expressões aquilo que extrapola e transcende o mero articular de palavras (CALDIN 2002 apud RODRIGUES, 2003).

Com base no mencionado, e tendo a certeza de que a contação é algo atraente para as crianças, percebemos a importância do seu uso como ferramenta pedagógica e com resultados positivos para o sucesso escolar. O professor poderá alcançar muito de seus objetivos a partir desta ferramenta.

Segundo Teberosky e Colomer (2003), a literatura de histórias apresenta particular importância para o desenvolvimento do vocabulário e para a compreensão de conceitos, bem como para o reconhecimento da linguagem escrita nos diferentes portadores e suportes de textos. As leituras em voz alta para crianças pequenas, nas quais elas escutam, olham, perguntam, respondem, são um meio para iniciar o entendimento das funções e da estrutura da linguagem escrita.

É importante que ao terminar a contação de histórias, o professor inicie um tempo para discussão sobre a história contada. Assim, estará promovendo uma melhor compreensão do texto da história que acabou de escutar. A criação dessa prática de leitura e contação proporcionam um contexto social rico, que seria responsável pelo desenvolvimento da linguagem.

A relação com a leitura e a literatura surge a partir da prática de ouvir e contar histórias. Portanto, quanto mais investirmos nessa prática dentro da escola, estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura, na literatura uma fonte de prazer. Além de ser uma atividade prazerosa, a contação de histórias tem um forte poder de despertar não só nas crianças, mas também nos adultos o gosto pela leitura e pela literatura. Coelho (2002) relata que,

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. (p. 12).

Quando a criança ainda não ler, é necessário que um adulto faça a mediação entre o texto e a criança. A contação de histórias é essa ponte e a partir delas a criança compreende melhor os textos escritos. E ainda “é preciso que a criança encontre seu lugar no mundo da escrita não somente como leitoras, mas como produtoras, como editoras e como difusoras” (JOLIBERT, 1994, p.22).

Para isso é importante que a escola perceba que não é suficiente ensinar a ler através do livro didático, pois dessa forma a leitura passa a ser algo chato. A esse respeito Jolibert (1994) diz que,

[...] os leitores não se formam com leituras escolares de materiais escritos elaborados expressamente para a escola com a finalidade de cumprir as exigências de um programa. Os leitores se formam com a leitura de diferentes obras que contém uma diversidade de textos que servem como ocorre nos contextos extra-escolares, para uma multiplicidade de propósitos. (p.45).

O discurso oral, por sua vez, apresenta o distanciamento em menor grau, uma vez que o narrador pela entonação da voz, pelos gestos e pela forma de conduzir a narrativa, condiciona o ouvinte ao entendimento do narrado. Em contrapartida, o texto oral é sempre aberto à participação do ouvinte porque essa é a essência da oralidade. O texto oral pode ser diferente a cada vez que for narrado, pois a recriação e a invenção fazem parte dele.

É importante salientar que para contar histórias com o intuito de formar leitores, que leiam e compreendam o que leram, é necessário que o texto narrado faça eco no interior do ouvinte, despertando nele o interesse de ouvir e depois reproduzi-lo. Dessa forma, essa exposição de argumentos é finalizada com uma citação de Cecília Meirelles,

[...] não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da antiguidade, como as de hoje. Assim, mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias ocuparam, no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil. E acrescenta: [...] quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem contadores de histórias. (MEIRELLES, 1984, p.55).

Portanto, pensar na arte de contar histórias no contexto educacional, é pensar não apenas em diversão, pois o prazer de ouvir, de criar na imaginação os personagens e a experiência de vivenciar situações, certamente ajudará a criança durante toda sua vida.

Este tópico teve o propósito de informar a respeito da preocupação de se promover atividades necessárias a formação do leitor, ao mesmo tempo apresentando ao professor a contação de histórias como ferramenta indispensável no processo de alfabetização para que assim ele possa melhor se planejar e que de uma forma lúdica promova o letramento.

### **3. UMA PROPOSTA PARA O PROFESSOR ALFABETIZAR LETRANDO**

A criança quando está na educação infantil participa de várias atividades lúdicas, tais como: Brincadeiras de faz de conta, Cantigas de roda, Contação de histórias, Danças e outras mais. No entanto, ao entrar no ensino fundamental ocorre uma brusca mudança. Ela agora deverá ser alfabetizada e mais do que isso, letrada. Pensando no 1º ano do ensino fundamental, por ser a fase de transição, da educação infantil para o ensino fundamental, esse

artigo destaca a importância que a contação de histórias tem para a fase de alfabetização e letramento, a partir de experiências exitosas em sala de aula.

Para concretizar o letramento literário na escola, os autores Paulino e Cosson (2009, p. 75), explicam ser necessário o contato direto e constante com o texto literário e enfatizam que há outras manifestações que podem ser abordadas, como os textos de tradições orais, dos meios de comunicação em massa, de eventos artísticos, “mostrando como a literatura participa deles e eles participam da literatura”.

Vários autores afirmam a importância da obra literária no contexto escolar, desde o período da alfabetização, pois ela desenvolverá a sensibilidade para o estético da linguagem. A esse respeito, Cademartori diz que a "leitura de textos poéticos à criança em fase de alfabetização não só aproxima ao livro como fonte de conhecimento e prazer, como exerce papel importante na formação da expressão verbal" (1986, p. 71).

Para a formação da expressão verbal, uma atividade a ser desenvolvida com as crianças é a hora do "Conto", onde diariamente o professor reservará um momento para a contação de histórias (usando entonação da voz e expressão corporal para dar ênfase). Esse momento é importante para aproximar as crianças do texto literário. Seguem-se algumas propostas que certamente poderão enriquecer o trabalho em sala de aula, proporcionando um melhor aprendizado da leitura e da escrita.

### **Reconto da história**

1. Aquecimento da história com o professor explorando a capa do livro, falar sobre o autor (uma breve biografia), falar quem ilustrou o livro.
2. Contação da história "A festa no céu" de Angela Lago. Para essa história o professor/contador poderá usar uma viola para dar ênfase ao instrumento utilizado pelo urubu na festa do céu. Desse modo fará com que a criança se envolva mais com a história, deixando-as presas aos movimentos feitos pelo professor.
3. Depois da contação da história, abrir uma discussão sobre a história e permitir que as crianças indaguem, deem suas opiniões a fim de explorar sua oralidade.
4. Ao final convidar as crianças que quiserem para recontarem a história. Desse modo, a criança terá a oportunidade de se expressar e contar a história do seu modo, usando os recursos que achar necessário. Vale lembrar que as interações entre as crianças contribuem para seu aprendizado, pois o discurso é o instrumento desse aprendizado, quando uma criança corrige a outra; quando uma criança ensina a outra na realização de uma atividade.

### **Texto Lacunado**

1. Aquecimento com a apresentação do livro, breve biografia do autor e falar sobre o ilustrador.
2. Contação da história "A margarida friorenta" de Fernanda Lopes de Almeida. Para essa contação, sugerimos que o professor/ contador construa fantoches para serem manipulados durante a contação, promovendo assim uma melhor visibilidade à história.
3. Em seguida, entregar às crianças o texto escrito com algumas palavras faltando (lacunas). A criança, com base no que ouviu e memorizou irá completar os espaços. A substituição de palavras e de termos poderá ser feita sob orientação do professor, como propõe Terzi (1995): Após a leitura de trechos da história, o professor vai parafraseá-los em linguagem próxima do aluno, para que esse atribua sentido ao trecho lido. Deverá ser considerado, tanto a palavra esperada, quanto uma outra que tenha o mesmo sentido e complete o texto.

### **Contação de história com uma pitada de irreverência:**

1. Aquecimento: Conversar com as crianças sobre a importância de beber água e seus benefícios. Depois, com uma bandeja de copos com água, oferecer a algumas crianças e pedir que bebam.
2. Contação feita pelo professor da história "o bisavô e a dentadura" de Sylvia Orthof.
3. Ao final da história, entregar dentaduras de jujuba, com muita irreverência, uma vez que, o vovô deixava sua dentadura num copo com água todas as noite. Quem sabe não foi num dos copos que vocês beberam? Indagar as crianças.
4. Conversar sobre a história, explorando os aspectos regionais do lugar onde a história se passa; quais palavras elas não conheciam, bem como seus significados; quais as comidas típicas mineiras e outras mais.

### **Reescrita da história:**

1. Aquecimento: Em dia de chuva, que as crianças forem pra escola com suas capinha de chuva, colocar o áudio da música "Camaleão" da palavra cantada e realizar uma brincadeira com as criança. Ao passo que a música for passando, todo mundo deverá estar com sua capinha na cabeça; a professora estará com um pandeiro na mão e na hora que ela bater no pandeiro, todo mundo deve trocar de capinha com o colega; e assim farão repetidas vezes.



2. Em seguida contar a história "Bom dia todas as cores" de Ruth Rocha.
3. Ao final da história, iniciar uma discussão sobre o fato do camaleão não ter vontade própria e fazer tudo que os outros mandavam. Permitir que cada um dê sua opinião. Pedir que elas falem outras histórias em que acontece o mesmo fato, como na história "Maria vai com as outras" de Sylvia Orthof.
4. Pedir que as crianças façam uma reescrita da história, dando um final diferente.

### **Grupo de contadores de histórias mirins:**

1. Criar um grupo de contadores de histórias mirins. Trabalhar com as crianças técnicas de contação de histórias, como postura, entonação de voz, respiração e ensaio de várias histórias.
2. Montar uma apresentação de roda de histórias, onde cada criança irá contar uma história.
3. Apresentar em um evento na escola, no pátio, na biblioteca ou em outro lugar, com os demais alunos e funcionários da escola prestigiando.

### **Caixa de fitas**

1. Confeccionar uma caixa de contação de histórias, reciclando uma caixa de sapato, envolvida com cartolina, ou com o material disponível. Dentro dessa caixa deverá ter um emaranhado de fitilhos cortados em pedaços de tamanhos variados e coloridos. As pontas dos fitilhos serão amarrados, de modo que mude de cor de pedaço em pedaço. coloca-se a tira de fitas dentro da caixa e a ponta deve passar pelo furo que fica na lateral menor da caixa, como se fosse um fio dental.
2. Em círculo, as crianças irão construir uma história coletiva.
3. A primeira criança, com a caixa na mão dará início a história ao mesmo tempo em que puxa lentamente a fita. Essa criança deverá continuar a história até que mude a cor da fita. ao mudar a cor a criança em posse da caixa, passará a caixa para a criança ao lado, que dará continuidade a mesma história e assim sucessivamente. a última criança a pegar a caixa deverá finalizar a história. Até mesmo usando expressões como: pirilim pirilim pirilim a história chegou ao fim; vitória vitória acabou a história; entrou por uma porta e saiu por , quem quiser que conte outra.
4. Enquanto as crianças constroem a história o professor poderá servir de escriba, para que depois todos possam ler a história ou até mesmo aprimorá-la.

## **História com interferência**

1. A história com interferência se trata de uma história onde a plateia pode participar junto com o contador da história. Antes de iniciar a história o professor/ contador irá estabelecer o acordo, ou seja, todo fez que acontecer um determinado fato a plateia deverá responder ou fazer algo.
2. Como sugestão para essa atividade, o professor poderá escolher a história "O fantasma amarelo" de Malba Tahan. e o professor usará uma luva amarela na mão. Todas as vezes que o professor levantar a mão com a luva amarela, a plateia responderá "AMARELO"!
3. No final da história, o fantasma leva um banho de tinta azul. O professor/ contador fará pergunta que concluirá a história : que cor o fantasma ficou? E as crianças deverão imaginar a mistura de cores; Amarelo com azul vira verde.
4. A partir dessa contação, deverá iniciar a discussão e quem sabe trabalhar as cores primárias e secundárias.

Essas e outras atividades com contação de histórias só tem a contribuir com a formação do gosto pela leitura, promovendo na alfabetização, momentos agradáveis e prazerosos às crianças, ao mesmo tempo em que letramos.

Vale ressaltar que, para quaisquer atividades que envolva a contação de história é necessário criar um clima de envolvimento e de encantamento. Para Abramovich, é preciso que o professor:

[...]saiba dar pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa pensar na casa do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais...(1989: 21).

É importante salientar que, a história a ser contada e o modo a ser trabalhado a partir da contação, deve levar em conta o nível em que a turma se encontra. Se já estão lendo, escrevendo, enfim. Sem que assim o professor menospreze a capacidade de seus alunos. Quando as crianças ainda não sabem ler é preciso que o mediador da leitura promova o encantamento e o desejo, por parte das crianças, em querer ler também. Esse desejo é o que vai levar as crianças a fazerem suas pseudosleituras, onde brincam de ler, por imitação. É desse modo que, as crianças desenvolvem suas práticas sociais, e portanto tornam-se letradas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Diversas pesquisas sobre a leitura no Brasil têm apontado para deficiência do ato de ler, começando com os alunos do ensino fundamental até os alunos do ensino superior. Mas qual a causa dessa deficiência? O objeto desse trabalho é apresentar uma proposta para que o professor alfabetizador, mais especificamente do 1º ano do ensino fundamental, já que é o ano de transição da educação infantil para o ensino fundamental, possa promover uma alfabetização de forma agradável ao mesmo tempo em que promove o letramento.

A proposta foi pensada em cima da arte de contar histórias, mostrando formas atraentes de envolver as crianças com o texto literário. Assim, desenvolvemos nos alunos o pensamento letrado, no sentido da apropriação cada vez mais abrangente da linguagem escrita dos textos. O professor terá condição de aperfeiçoar a compreensão leitora e as possibilidades de estabelecimento de relação e construção de sentido, assim como, a fluência e a expressividade na leitura pelos alunos.

O professor, com base nessa proposta, poderá utilizar a leitura como fonte de prazer e de informação, ampliando, desse modo, o repertório dos alunos com diferentes gêneros textuais, diversos autores, ilustradores e desse modo construir uma história de leitor.

A forma como o professor trabalha a língua portuguesa, utilizando na maioria das vezes apenas o livro didático não é suficiente para promover o gosto pela leitura, tendo em vista a necessidade de oferecer formas de leitura prazerosa, utilizando-se da literatura, para levar o aluno para o mundo do imaginário, da fantasia. De fato, no dia-a-dia escolar, as atividades de leitura proporcionadas aos alunos não vão além de localização de informações pontuais e perguntas subjetivas, cujas respostas são como diz Marcuschi (2002), do tipo “vale-tudo”. Na verdade falta a promoção constante de uma leitura sem uma cobrança sobre ela, uma leitura descontraída.

Em meu trabalho de contadora de histórias, em escolas públicas e em bibliotecas, é possível perceber que as crianças, de modo geral, não tem vivenciado momentos de ouvir histórias em seu dia-a-dia escolar, pois seus olhos denunciam que a contação se trata de algo novo, diferente de sua rotina diária. Mas, por outro lado seus olhos brilham ao ouvi-las, ao observar os movimentos, os gestos e é exatamente esse modo diferente de levar a leitura que encanta e convida o aluno a mergulhar na leitura.

O que foi mencionado acima deve receber uma atenção especial, pois a escola tem perdido tempo fazendo com que seus alunos aprendam a decodificar letras e sons, mas não

tem se preocupado em fazer seus alunos gostar de ler. O aluno que gosta de ler certamente é um bom aluno em todas as disciplinas.

Esperamos que o presente trabalho possa contribuir para um melhor trabalho do professor em sala de aula, visando uma alfabetização prazerosa e que ao mesmo tempo possamos inserir nossos alunos em práticas sociais leitoras.

## **REFERÊNCIAS:**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, Scipione, 1989.

\_\_\_\_\_. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2002.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. porto alegre: Editora Projeto, 2009.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. Ed. São Paulo: Ática / UNESCO, 2002. 109p. (Educação em ação).

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1999.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & lingüística** / Luiz Carlos Cagliari. – São Paulo: Scipione, 2009.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A oralidade e a escritura na literatura infantil**. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 7, n. 13, 2002. Disponível em: Acesso em: 09/12/13

COELHO, B. **Contar Histórias uma Arte sem Idade**. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1989.

GARTON, A; PRATT, C. H. (1991) *Aprendizaje y proceso de alfabetización. El desarrollo dei lenguaje hablado y escrito*. Barcelona: Paidós/ MEC (ed. original: 1991).

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar Letrando com a tradição oral**. - 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2013.

GOTLIB, Nádía Battello. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2000.

GOULART, Cecília Maria. **A apropriação da linguagem escrita e o trabalho alfabetizador na escola.** Caderno de pesquisa, nº 1110, p. 157-175, julho/2000.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras.** Porto Alegre, 1994, Volume I.

KEFALÁS, Eliana. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário.** Campinas, SP: autores associados, 2012.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da Leitura.** Porto Alegre: Sagra – D. C. Luzzato, 1996.

\_\_\_\_\_, Vilson J. LOPES, Rita de Cássia Campos. **Evolução do conceito de leitura em alunos da 2ª à 8ª série.** *Anais.* IX Encontro Nacional da ANPOLL. Caxambu, MG, 12 a 16 de junho de 1994.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 15 ed. São Paulo: Ática, 2000.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: História do livro, da imprensa e da biblioteca.** 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1996.

MATOS, Gislayne A., **A palavra do contador de histórias: Sua dimensão educativa na contemporaneidade.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MEIRELES, Cecília. **Problemas de literatura infantil.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola.** In: RÖSING, Tânia M.K; ZILBERNAM, Regina (orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.

PAIVA, A.; RODRIGUES, P. C. A. **Letramento literário na sala de aula: desafios e possibilidades.** In: MACIEL, F.I.P.; MARTINS, R.M.F.(Orgs). **Alfabetização e Letramento na sala de aula.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANDRONI, L.; MACHADO, L. **A criança e o livro.** São Paulo: Ática, 1991.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação.** Porto Alegre: artemed, 2001

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6.ed., 1ª impressão. - São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização**. *Caderno de pesquisa*, São Paulo, n. 52. p. 19-24, fev. 1985.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/ FaE/ UFMG, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**/ Isabel solé; Trad. Cláudia Schilling - 6.ed.- Porto alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TERZI, Sylvia Bueno. **A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados**. In: KLEIMAN, ANGELA b. (Org.). **Os significados do letramento : uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das letras, 1995. p. 91-117.

TFOUNI, Leda Verdiane. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. - São Paulo: Cortez, 2010